

«Num acto, (os mártires) disseram mais do que todos os discursos.

Sobretudo, isso foi dito nos media».

OSAMA BIN LADEN

Declaração contida na gravação divulgada pela Casa Branca

a 13 de Dezembro de 2001

Na sequência dos atentados de 11 de Setembro, o compositor alemão Karlheinz Stockhausen foi duramente criticado quando caracterizou o mais audacioso golpe terrorista da História como «uma obra de arte». A polémica foi tão dura que o autor de *Hymnen* acabou por se retractar por uma afirmação que o próprio consideraria irreflectida. A intuição do músico sobre os acontecimentos era, no entanto, mais precisa do que os seus críticos admitiram, no clima conturbado e de estupefacção dos dias que se seguiram ao assalto a Nova York e ao Pentágono.

É preciso recuar três décadas no tempo para compreender porquê. Em 1962, em *A Obra Aberta*, um ensaio centrado nas relações entre a estética e a teoria da informação, Umberto Eco fazia uma das primeiras análises à linguagem do directo televisivo. O escritor transalpino identificava o directo como a construção de uma narrativa, que decorre em simultâneo ao acontecimento transmitido. Para o autor de *Apocalípticos e Integrados*, o directo podia ter as características de uma «obra aberta», enquanto narrativa em permanente desconstrução e reinterpretação.

O ensaio abordava a música de Karlheinz Stockhausen e não se referia, obviamente, a atentados transmitidos em directo. Mas a visão de Eco é tanto mais notável quanto foi escrita antes da ocorrência dos grandes «acontecimentos televisivos» que marcaram a segunda metade do século XX. O primeiro desses grandes acontecimentos seria a morte e o funeral de John Fitzgerald Kennedy, em 1963. Existe uma geração Kennedy, como existe uma geração marcada pela chegada do homem à Lua e outra em cuja memória permanecerá indelével o funeral de Lady Diana Spencer, em 1997.

A noção de «acontecimento televisivo» foi exaustivamente analisada numa obra fundamental para a compreensão do poder da televisão, *A História em*

Directo (1992), de Elihu Katz e Daniel Dayan. Os dois investigadores centram-se na estética do directo, como fizera Eco anos antes e analisam o que definem como «cerimónias televisivas». Ou seja, acontecimentos orquestrados e encenados para a televisão, excluindo deliberadamente reportagens em directo de grandes catástrofes, como a do acidente na central nuclear de Three Mile Island, em 1980.

Os atentados de 11 de Setembro foram, no entanto, uma «cerimónia televisiva». Ou seja, um acontecimento preparado e encenado para ser transmitido em directo. É isso que separa, definitivamente, estes actos terroristas dos «Setembro Negro» que o precederam, nomeadamente o sequestro de cinco aviões pela OLP, em 1970, cuja destruição numa base aérea abandonada, na Jordânia, foi testemunhada por jornalistas convidados pelos homens da Fatah.

A essência de qualquer acto terrorista, como se sabe, está no efeito psicológico que estes provocam e não no acto violento que está na origem destes. Todos os grupos terroristas do globo, da OLP à ETA, foram pioneiros nessa forma de manipulação televisiva que um jornalista norte-americano designava de «sequestro dos media». Porém, ao contrário dos ataques aos Estados Unidos, nenhum desses atentados foi transmitido em directo. Nenhum deles podia ainda ser compreendido pelas audiências da televisão sem uma explicação textual. Os próprios autores desses atentados justificavam os seus actos através de um discurso.

Para usar uma «boutade», esses eram ainda atentados da era Guttenberg, que usavam a televisão para suportar uma mensagem que apenas podia ser compreendida através de um discurso textual. Eram, no entanto, televisivos, na medida em que criavam um guião para ser acompanhado em tempo real. É o que sucede com atentados como o da Jordânia ou o assalto à delegação israelita às Olimpíadas de Munique, em 1972. Esse guião implicava uma racionalidade textual, a da chantagem: um determinado acto violento seria perpetrado caso um conjunto dado de exigências não fossem satisfeitas.

A universalidade do 11 de Setembro

Três meses após os atentados, a fábrica de notícias mudou-se para Tora Bora, onde bin Laden resiste à cavalaria como um Jerónimo do fundamentalismo islâmico. Estão todavia vivos os registos da catástrofe nos Estados Unidos. Eles foram deliberadamente impressos na memória sob a forma de uma acção vista em directo. Houve escolas portuguesas onde as crianças fizeram desenhos retratando a destruição das torres. A televisão mostra uma banda desenhada onde um super-herói da Marvel, o *Fantasma*, está proibido de voar(!) e apenas ajuda as equipas de socorro em *Ground Zero*. Os bombeiros de Nova York são o tema dos brinquedos para o primeiro Natal do século.

Ninguém, portanto, escapou ao atentado. A mensagem, aviões civis atingindo deliberadamente as torres em Nova York, foi percebida por todos. Alcançou a sua máxima extensão: foi transmitida através do suporte mais poderoso que é possível conceber, alcançando toda a humanidade e era suficientemente simples para todos a compreenderem. Nunca o terror foi expresso de forma mais simples e intensa. Se a eficácia de um atentado terrorista é medida pelo seu impacte psicológico, o 11 de Setembro conseguiu um impacte global como nunca antes acontecera.

Dayan e Katz, na obra citada, referem que os grandes acontecimentos televisivos congregam à sua volta audiências tão espantosas como os quinhentos milhões de seres humanos que, em 1969, viram Armstrong descer as escadas do módulo lunar *Eagle*. Em toda a história da Humanidade, escrevem, apenas a Bíblia conseguiu uma atenção tão extensa. A característica dos eventos televisivos é atraírem instantaneamente a atenção para acontecimentos simbólicos cujo alcance é apenas comparável ao obtido pelas confissões religiosas durante séculos de doutrinação e enraizamento cultural.

Um desses dois autores, Elihu Katz, é israelita e a construção de *A História em Directo* partiu do espanto do investigador perante a visita de Sadate a Tel Aviv, um grande acontecimento televisivo da história de Israel. O assassinato do presidente egípcio, no Cairo, em 1982, é aliás analisado na obra na categoria das cerimónias mediáticas curto-circuitadas por um

acontecimento imprevisto, na qual poderíamos encaixar, no nosso universo, a morte de trinta e nove adeptos de futebol, no estádio do Heysel, em 1985.

A História em Directo não o poderia referir, mas não deixa de ser mais do que uma coincidência encontrarmos o uso programado da televisão e do directo no atentado que, de um modo geral, pode ser considerado o ponto de partida do terrorismo fundamentalista, cujo corolário vivemos em Setembro. Os dois autores poderiam ainda ter acrescentado o Corão à sua lista escassa de obras de alcance comparável ao dos eventos televisivos.

O desafio da Al-Jazeera

Uma das consequências mais apontadas dos atentados nos EUA foi a emergência, na cena internacional, de uma estação árabe, a Al-Jazeera. Através desta, ocorreu uma ruptura sem precedentes na ordem mundial da informação: a transmissão global de informação a nível planetário deixou de ser um exclusivo das grandes cadeias anglo-saxónicas, como a CNN, a NBC, a BBC ou a Sky. Essa irrupção aconteceu em Novembro, com a polémica e surpreendente transmissão da mensagem de bin Laden, após os primeiros bombardeamentos aliados no Afeganistão. Ela teve o poder de desorganizar por completo a racionalidade dos produtores de informação ocidentais e a própria política de comunicação da Casa Branca.

Essa desorganização foi apenas uma consequência. Tão ou mais importante do que a ruptura introduzida pela Al-Jazeera, foi a emergência do *público* muçulmano na ordem mundial da informação. Os leitores do Corão deixaram de ser apenas uma *audiência* a partir do momento em que dispuseram de um canal transnacional que mostrava as coisas a partir da sua própria perspectiva. Esta foi a grande revolução introduzida pela rede do Qatar. Ao retransmitirem a mensagem de bin Laden, as estações ocidentais permitiram-nos reconhecer simbolicamente essa emergência, permitida por uma estação que emitia desde 1996 e cujo *tour de force* haviam sido as transmissões em directo da segunda Intifada. Não esqueçamos, no entanto, que a Al-Jazeera foi a primeira estação árabe a ousar entrevistar dirigentes políticos judaicos.

O aparecimento desse novo sujeito levantou as maiores confusões. Até aqui considerada um exemplo de defesa da liberdade de informação num meio hostil, mesmo em documentos do Departamento de Estado norte-americano, a estação foi rapidamente confundida com um instrumento de propaganda da «Base». A Al-Jazeera explorou a vantagem informativa do acesso como qualquer outro canal comercial do mundo.

As acusações à estação resultaram da perturbação gerada pela perda do monopólio na produção de informação e pelo próprio clima de estupefacção gerado pelos atentados. Sendo o ataque directo ao centro um acontecimento impensável, ele invalidou os paradigmas anteriores de percepção da realidade. Os jornais de todo o mundo que escreveram, no dia 12, a frase «o mundo mudou», estavam de facto a dizer que o mundo não era como o compreendíamos até então.

No Ocidente, temos sido pouco sensíveis ao facto de os principais destinatários tanto da Al-Jazeera como das mensagens da Al-Qaeda serem os leitores do Corão. Ora, uma das particularidades dos atentados de Setembro foi a de terem sido dirigidos, em simultâneo, a dois *públicos* diferentes e com objectivos distintos. O terror de Setembro tinha dois alvos. Um leitor do Corão (o que não é o caso do autor deste texto), encontraria nos atentados uma metáfora dos primeiros anos da Hegira. O último chefe da guarda do Profeta é Osama, um filho de escravos a quem Maomé ordena que destrua Roma. O Osama do primeiro século do mundo islâmico liderou a campanha na Síria, que precede a fulgurante expansão do Islão nos cem anos seguintes. A particularidade é que o chefe da guarda não tem o apoio dos notáveis, nomeadamente Omar, aquele que será o primeiro califa. Como o seu antecessor metafórico, o Osama moderno partiu sozinho, sem o apoio dos líderes dos países muçulmanos. Mas, ao contrário do filho de escravos do nosso século VII, atingiu Roma.

Talvez este paralelismo seja apenas uma coincidência. Mas não é por acaso que a *vox pop* captada pelas televisões ocidentais registava leituras escatológicas e apocalípticas. Isso sublinha, de algum modo, a pertinência da observação de Katz e Dayan: apenas os livros sagrados contam histórias

conhecidas de tantas pessoas como o episódio narrado pelas televisões a 11 de Setembro.

O apocalipse em directo

No seu percurso destruidor rumo a Nova York, os dois *Boeing* desviados pelos terroristas cruzaram-se num mesmo ponto a norte da cidade. Poderiam ter atingido as duas torres ao mesmo tempo. Um grande espectáculo! Em vez disso, um dos aparelhos inflecte para Sul, rumo a Filadélfia. Atingirá a segunda torre dezoito minutos após o primeiro impacte. Só assim estavam reunidas as condições exigidas pelo produtor do evento: as câmaras da cidade estavam apontadas à torre em chamas, as cadeias globais de televisão transmitiam as imagens para todo o mundo, os comentadores televisivos estavam desorientados e sem entender o que acontecia. Ao segundo impacte, a mensagem «atentado» foi entendida sem que fosse necessário pronunciar qualquer palavra.

O modo como bin Laden descreve os atentados, no vídeo capturado pelos norte-americanos em Jalalabad, é revelador do modo como a distância temporal entre as colisões suicidas foi premeditada. A sequência era vital para criar o clima global de terror.

A hora escolhida dá-nos a dimensão do alvo, isto é, da audiência. É noite na costa Oeste dos Estados Unidos. Mas não na Europa. Nem no mundo árabe. E o argumentista previra ainda outros desenvolvimentos. Conhecemos o guião dos filmes catástrofe mas, desta vez, Bruce Willis não foi convidado: durante duas horas, o mundo treme. Para o Ocidente, é um filme de terror: se alcançaram o Pentágono, podem alcançar qualquer alvo. Para o mundo árabe, foi encenado o que Dayan e Katz definiriam como uma *cerimónia de conquista*, visando provocar a emulação dos heróis. Nós vimos destruição e loucura, os outros deveriam ter visto sacrifício e justiça divina. O objectivo político de mobilizar as massas islâmicas passava pelo êxito dessa cerimónia.

O poder de uma mensagem é directamente proporcional à improbabilidade da informação que contém. Inversamente, a eficácia de uma mensagem, a sua probabilidade em ser recebida, deriva da extensão com que é

transmitida e da redundância que pode gerar no receptor. Os homens que conceberam o ataque de 11 de Setembro encenaram o impossível de forma a que todos soubéssemos que o impossível acontecera, sem que o possamos vir a esquecer.

O apocalipse em directo deixou uma marca electrónica impressa na memória colectiva. Não é por acaso que todos falamos automaticamente na destruição das torres e tendemos a esquecer o Pentágono. No plano simbólico, deveria ser ao contrário. Isso acontece porque as torres não eram apenas um alvo simbólico, eram sobretudo um alvo *icónico*. Dois edifícios de cento e dez andares, ardendo e desmoronando-se num dia de claridade absoluta, eram um alvo absolutamente visível e fácil de filmar. Ao contrário do Pentágono, que é um edifício raso.

Não é apenas a destruição em directo que ficará na memória. Não existe imagem de Manhattan na qual não possamos ver as torres, nem existirá imagem da ilha mais filmada da história da Humanidade na qual não notaremos, daqui para a frente, a ausência dela. Em si mesma, essa ausência é uma assinatura e constitui, para recuperar outro conceito caro a Katz e a Dayan, um monumento electrónico. Tal como, na nossa dimensão, o é o pilar da ponte de Entre-os-Rios. Indiciando a falta do tabuleiro, este simboliza toda a tragédia ali vivida.

É normal que Karlheinz Stockhausen se tenha arrependido por ter falado em «obra de arte», mesmo que metaforicamente, a propósito de um acto terrorista como este. Mas a expressão usada pelo compositor aponta, com maior nitidez do que qualquer outra, o que efectivamente aconteceu a 11 de Setembro. No século xx, os regimes totalitários souberam usar o poder encantatório da rádio para manipular nações através da transmissão da palavra. O terrorismo do novo século utilizou o poder da televisão para chocar todo o planeta através do poder da imagem, sem que fosse necessário pronunciar uma palavra. Encenaram o apocalipse e transmitiram-no em directo.